



Instituto Politécnico de Lisboa

Escola Superior de Música de
Lisboa

**MÚSICA DE COMPOSITORES PORTUGUESES
CONTEMPORÂNEOS SOBRE MELODIAS DE
CANTO GREGORIANO**

Filipa Ferreira d'Azambuja Botelho Palhares

Mestrado em Música

Outubro de 2013

Professor Orientador Paulo Lourenço

Professor co-orientador Armando Possante

In memoriam Professora Maria Helena Pires de Matos

Agradecimentos

Aos alunos do Coro Infantil do Instituto Gregoriano de Lisboa, pelo empenho demonstrado durante todos os ensaios e concerto.

À Professora Maria Helena Pires de Matos que, mesmo em condições difíceis, sempre me acompanhou neste projecto.

Aos meus amigos próximos, que foram sempre uma ajuda preciosa.

Aos compositores que, de um modo generoso, participaram neste projecto e que estiveram sempre presentes quando necessário.

Aos meus orientadores e amigos Paulo Lourenço e Armando possante.

Resumo

O número crescente de coros infantis em Portugal e a falta de repertório de compositores portugueses escrito para os mesmos, foram motivo impulsionador da existência deste projecto. A esta necessidade acresce a importância de expor as crianças, durante o seu processo formativo, a diversas linguagens musicais para que a sua educação seja o mais sólida e abrangente possível.

O Canto Gregoriano, com as suas particularidades modais e melódicas únicas, apresenta-se como um excelente veículo de ligação entre os binómios tradição/modernidade e educação/execução. É neste contexto que foram encomendadas duas novas obras musicais de compositores portugueses: “Missa brevis” de Sérgio Azevedo e “Assim do tempo em que me falavas” de Nuno da Rocha, executadas pelo coro infantil do Instituto Gregoriano de Lisboa.

O relatório deste projecto artístico pretende ser uma reflexão sobre a génese, ensaio e execução das referidas obras, bem como as conclusões artísticas e pedagógicas retiradas desse processo.

Palavras-chave

Canto Gregoriano, Coro Infantil, Música Sacra, Sérgio Azevedo, Nuno da Rocha

Abstract

The growing number of children's choirs in Portugal, and the lack of repertoire by portuguese composers for them, have been the driving force for this project. In addition to this need, there is the importance of exposing children, during their formative years, to the diverse musical languages that make their education as solid and wide ranging as possible.

Gregorian chant, with its modal specifics and unique melodies, lends itself as an excellent conduit between the tradition/modernity and education/performance dichotomies. It is in this context that two new musical works were commissioned to portuguese composers: "Missa Brevis", by Sérgio Azevedo and "Assim do tempo em que me falavas" by Nuno da Rocha, which were performed by the children's choir of the Instituto Gregoriano de Lisboa.

This artistic project's report aims to be a reflection on the genesis, rehearsal and performance of the above mentioned works, as well as on the artistic and pedagogical conclusions taken from the process.

Keywords

Gregorian Chant, Children's Choir, Sacred Music, Sérgio Azevedo, Nuno da Rocha

Índice

1. Introdução	1
2. Contextualização do projecto artístico	2
2.1. O Canto Gregoriano, breve história	2
2.2. A importância do Canto Gregoriano no desenvolvimento musical de um aluno de música	3
3. As obras em concerto	4
3.1. <i>Missa Brevis</i> de Sérgio Azevedo	5
3.2. <i>Assim do tempo em que me falavas</i> de Nuno da Rocha	7
3.3. Canto Gregoriano	8
4. Ensaaios	9
4.1. Planeamento	9
4.2. Ensaaios Canto Gregoriano	9
4.3. Ensaaios <i>Missa brevis</i>	10
4.3.1. Ensaaios com o organista	11
4.4. Ensaaios <i>Assim do tempo em que me falavas</i>	11
4.4.1. <i>Kyrie</i>	12
4.4.2. <i>Gloria</i>	12
4.4.3. <i>Sanctus</i>	14
4.4.4. <i>Agnus Dei</i>	14
4.4.5. Ensaaios com orquestra e solista	14
5. O Concerto	15
6. Conclusão	16
Bibliografia	18
Apêndices	19

Índice de figuras e quadros

Figura 1 - Antifonário de Poissy (principio do séc. XIV) Folio 412v	5
Figura 2 - Excerto do <i>Kyrie</i> (voz do contralto nos compassos 15 e 16)	6
Figura 3 – Excerto do <i>Gloria</i> (solo de soprano nos compassos 96 e 97)	6
Figura 4 – Excerto do <i>Benedictus</i> (parte de órgão nos compassos 1 e 2)	6
Figura 5 – Excerto do <i>Benedictus</i> (parte coral nos compassos 10 e 11)	6
Quadro 1 – Temas Gregorianos usados na obra <i>Assim do tempo em que me falavas</i> de Nuno da Rocha	7
Figura 6 – Excerto do <i>Gloria</i> de <i>Assim do tempo em que me falavas</i> (compassos 113 a 117)	13
Figura 7 – Excerto do <i>Gloria</i> de <i>Assim do tempo em que me falavas</i> (compassos 224 a 235)	13

1. Introdução

Este relatório é parte integrante da Unidade Curricular de Projecto Artístico do Mestrado em Música, área de especialização de Direcção Coral da Escola Superior de Música de Lisboa.

A escolha do tema foi feita com base nos dois géneros musicais com que trabalho regularmente. Por um lado a música coral contemporânea, por outro o Canto Gregoriano. O facto de trabalhar no Instituto Gregoriano de Lisboa, escola do ensino artístico especializado da Música, onde lecciono a disciplina de Coro Infantil e de Coro Gregoriano, influenciou também essa escolha.

A divulgação do Canto Gregoriano enquanto origem de toda a música ocidental e a falta de repertório coral português escrito para crianças com um nível de leitura musical avançado, foi fundamental quando lancei a proposta aos compositores que escolhi para fazerem parte deste projecto.

2. Contextualização

2.1. O Canto Gregoriano, breve história

A monodia sacra cristã, mais tarde denominada Canto Gregoriano, é a forma mais antiga de música no ocidente. É uma música de raiz vocal, composta sobre textos bíblicos, cujo objectivo é enaltecer a palavra de Deus, promovendo a espiritualidade. Surgiu no Séc. I, com os primeiros cristãos perseguidos pelos Romanos, que realizavam o seu culto em catacumbas. Com o Édito de Milão em 313, o Imperador Constantino I permitiu a esses cristãos “gozarem da liberdade de seguir o culto e a religião de sua preferência”, o que fez alterar as formas de culto praticadas até então.

Com a adopção do latim como língua do cristianismo e a existência de cantores especializados que garantiam a propagação das melodias sacras por toda esta nova Igreja (que foi tornada Igreja oficial do Império Romano em 391), surge e desenvolve-se um novo repertório sacro.

O nome Canto Gregoriano passa a designar este tipo de música como resultado da influência mítica do Papa Gregório Magno (590-604), que compilou uma série de peças em três livros - *Kyriale*, *Graduale* e *Antiphonale* – mas que não chegaram até nós, e criou a *Schola Cantorum*, (coro especializado dedicado ao repertório mais elaborado). Este foi decididamente um grande contributo para o desenvolvimento deste canto da igreja católica.

O Canto Gregoriano é, por norma, utilizado nas práticas litúrgicas dos ofícios e das missas. A missa, o acto mais importante da Igreja Católica, alvo de sucessivas alterações ao longo dos séculos, é constituída por duas partes de repertório musical. Uma parte, designada por Ordinário, cujos textos são idênticos todos os dias do ano, e composta por *Kyrie*, *Gloria*, *Credo*, *Sanctus* e *Agnus Dei*. Uma outra parte, chamada Próprio, cujos textos variam consoante a época litúrgica, composta por *Introitus*, *Graduale*, *Alleluia*, *Tractus*, *Offertorium* e *Communio*.

Depois da decadência do Canto Gregoriano, manteve-se a tradição dos grandes compositores comporem sobre o texto do Ordinário, tornando assim a Missa numa forma musical.

2.2. A importância do Canto Gregoriano no desenvolvimento musical de um aluno de música

A escola onde lecciono, o Instituto Gregoriano de Lisboa (IGL) é uma escola pública do ensino artístico da música, onde a qualidade do ensino ministrado é comprovada pelo grande número de profissionais na área da música que ali realizou ou iniciou a sua formação. Ao longo dos anos, houve um número sempre crescente de pianistas, organistas, maestros, musicólogos, compositores, cantores e professores de música, que se têm vindo a notabilizar no panorama musical nacional, justificando o investimento num ensino de qualidade feito por esta escola, onde o Canto Gregoriano se encontra presente em todo o percurso educativo dos alunos que nela estudam.

De que forma o Canto Gregoriano contribui para esta formação? Eis uma pergunta pertinente. Do meu ponto de vista, enquanto professora, no Canto Gregoriano é ensinada aos alunos uma linguagem que foi a origem de toda a música ocidental, linguagem esta que permite uma maior fluidez de leitura musical, uma maior compreensão de fraseado, uma maior flexibilidade, um maior desenvolvimento da voz na oitava central e de uma forma mais alargada do que no “repertório tradicional”, bem como uma quebra com o chamado ouvido tonal. O ouvido das crianças, pelo facto de a música infantil ser maioritariamente tonal, (e dentro do tonalismo ser bastante limitada harmonicamente), é viciado nesta harmonia fazendo com que tudo gire à volta da mesma. Existe, também, um maior trabalho de fusão e afinação por cantarem a uma voz (uníssono ou à oitava).

Nesta escola, o ensino do Canto Gregoriano tem um papel muito importante na formação do aluno que, a par com uma prática coral intensa, executa obras de todas as épocas. Este ensino contribui para uma formação musical sólida, um desenvolvimento vocal alargado, uma maior cultura musical e um melhor conhecimento da evolução da música ocidental.

Na qualidade de professora nesta escola das disciplinas de Coro Gregoriano e Coro Infantil, surge assim a ideia de combinar estas duas práticas. A ideia inicial de encomendar duas obras musicais que fossem baseadas, de alguma forma, em Canto Gregoriano, evoluiu para um concerto onde obras contemporâneas e Canto Gregoriano coabitam criando, assim, um ambiente onde ambos os estilos se fundem.

3. As obras em concerto

A base deste projecto artístico partiu de um convite feito a dois compositores portugueses, Sérgio Azevedo e Nuno da Rocha, para que compusessem uma obra sacra cujo tema teria que ser sobre melodias de Canto Gregoriano. Cada obra seria escrita para Coro Infantil com uma duração de cerca de 15 a 20 minutos. Estas duas obras seriam interpretadas pelo Coro Infantil do Instituto Gregoriano de Lisboa, constituído por alunos daquela escola com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos de idade.

O compositor Sérgio Azevedo compôs uma Missa Brevis para coro a 3 vozes iguais acompanhada por órgão. Enquanto o compositor Nuno da Rocha optou por uma obra de andamento único para coro a 3 vozes iguais acompanhado por orquestra de cordas e acordeão solista.

Optei por juntar num mesmo concerto dois compositores com linguagens composicionais distintas, tendo como ponto comum a utilização de melodias gregorianas. Não obstante a liberdade dada aos compositores na escolha dos temas de gregoriano a ser usados na obra, bem como do efectivo instrumental, atendendo que o compositor Sérgio Azevedo foi o primeiro a escolher a formação supra citada, pedi que a segunda encomenda feita ao compositor Nuno da Rocha primasse pelo contraste.

Como critério de escolha dos compositores, optei por um lado, por Sérgio Azevedo, compositor já conceituado no panorama musical nacional, com uma vasta obra já escrita e com quem tenho tido o privilégio de trabalhar regularmente, interpretando as suas obras. A sua produção para coros infantis é substancial, não só em termos quantitativos mas também qualitativos, dada a sua estreita ligação com o Conservatório de Música Jaime Chavinha e com a Academia de Amadores de Música. Este enquadramento de longa data, permitiu-lhe conhecer e desenvolver aprofundadamente as técnicas específicas de escrita para coros infantis.

Por outro lado, Nuno da Rocha, um jovem compositor que em 2010/2011 era finalista da licenciatura em composição da Escola Superior de Música de Lisboa, aconselhado pelo meu orientador. Apesar de ser um iniciado na escrita para coros infantis, Nuno da Rocha foi-me apresentado como “um jovem promissor no panorama da composição”, como mais tarde tive o prazer de constatar.

3.1. *Missa Brevis* de Sérgio Azevedo

Esta obra está dividida em 6 andamentos, que são eles: *Kyrie* (ca: 3'30''), *Gloria* (ca: 4'30''), *Sanctus* (ca: 1'30''), *Benedictus* (ca: 1'30''), *Sanctus* (reprise) e *Agnus Dei* (ca: 2'15''), sendo que o segundo *Sanctus* é uma repetição integral do primeiro.

O nome *Missa Brevis* (Missa curta) é usado no sentido original do termo do séc. XVI, o uso reduzido do Ordinário da Missa sendo, neste caso, a falta do Credo que lhe dá esse nome.

Existem igualmente algumas liberdades do compositor em relação à estrutura da Missa, uma vez que esta foi composta não para uso litúrgico mas para ser executada em concerto. Desta forma, o compositor opta por uma repetição integral do *Sanctus* após o *Benedictus*, em vez da tradicional repetição do *Hossana in excelsis Deo* que é a parte final do mesmo.

Esta obra, ainda que com algumas passagens cromáticas, apresenta uma linguagem dentro de uma atmosfera harmónica que o compositor classificaria como modal/tonal alargada. Stravinsky e Britten são dois nomes que Sérgio Azevedo cita como próximos da estética da peça.

A parte de coro a três vozes, embora adequada aos registos e extensões de um coro destas idades, apresenta algumas dificuldades técnicas, nomeadamente nos cromatismos das linhas melódicas do coro, nas polirritmias presentes, sobretudo no *Gloria*, e na articulação entre coro e órgão. A parte de órgão está sempre presente e é, por vezes, virtuosística.

O material temático usado pelo compositor nesta obra, é o hino gregoriano *Aurea Luce* (fig.1)



Figura 1 - Antifonário de Poissy (principio do séc. XIV) Folio 412v

Esta melodia não é usada na íntegra, usando o compositor apenas a entoação do Hino (a melodia correspondente ao texto *Aurea Luce*) como material temático. Este motivo melódico, sendo modal, aparece como único ponto de ligação ao Canto Gregoriano na obra e é usado apenas no *Kyrie* (fig. 2), *Gloria* (fig. 3) e *Benedictus*, tanto na parte de órgão (fig. 4) como na parte de coro (fig. 5).

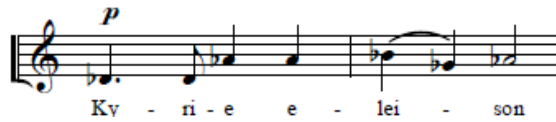


Figura 2 - Excerto do *Kyrie* (voz do contralto nos compassos 15 e 16)

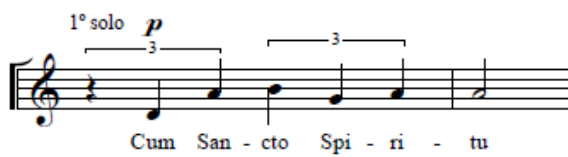


Figura 3 – Excerto do *Gloria* (solo de soprano nos compassos 96 e 97)



Figura 4 – Excerto do *Benedictus* (parte de órgão nos compassos 1 e 2)

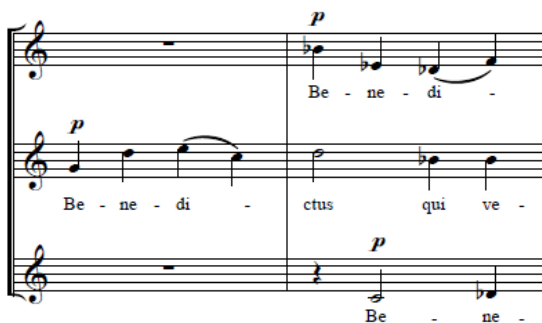


Figura 5 – Excerto do *Benedictus* (parte coral nos compassos 10 e 11)

3.2. Assim do tempo em que me falavas de Nuno da Rocha

A partitura da obra refere “Missa para coro de crianças, acordeão e orquestra de cordas a partir de cantos gregorianos e da minha memória”, memória esta que corresponde às lembranças que o compositor tinha de quando ia à missa, com a idade das crianças do coro para a qual escreveu.

É uma obra que, a par com o Canto Gregoriano fortemente presente, tem uma poética muito específica que reporta a gestos musicais que recordam rituais de uma missa da Igreja Católica Apostólica Romana.

Ainda que de andamento único, esta obra tem 4 partes distintas que correspondem ao *Kyrie* (ca: 5’), *Gloria* (ca: 5’), *Sanctus* (ca: 2’40’’) e *Agnus Dei* (ca: 3’30’’).

São utilizados sete temas gregorianos, do Ordinário da missa, em que um deles aparece duas vezes. Estes temas são cantados pelo coro na ordem de execução de uma missa (*Kyrie*, *Gloria*, *Sanctus* e *Agnus Dei*) e os restantes são executados pela orquestra (tanto tocados, como cantados pelos instrumentistas) pela ordem inversa, (quadro 1).

Coro	Orquestra
<i>Kyrie</i> da missa nº2 (<i>Kyrie fons bonitatis</i>)	<i>Agnus Dei</i> da missa nº3
<i>Gloria</i> da missa nº6	<i>Sanctus</i> da missa nº5
<i>Sanctus</i> da missa nº6	<i>Gloria</i> da missa nº8 (<i>De angelis</i>)
<i>Agnus Dei</i> da missa nº14	<i>Kyrie</i> da missa nº2 (<i>Kyrie fons bonitatis</i>)

Quadro 1 – Temas Gregorianos usados na obra *Assim do tempo em que me falavas* de Nuno da Rocha

Ainda que utilize apenas os textos do Ordinário, a obra faz alusão a outros momentos que ocorrem durante o ofício. Estas alusões vão desde o som de moedas a cair, simulando o ofertório, ao vulgar *shhhh* de pedido de silêncio à assembleia.

Tenta, ainda, criar um efeito de reverberação, como se fosse possível executar a peça num qualquer palco e sentir uma espécie de memória espacial relativa a uma igreja.

3.3. Canto Gregoriano

O repertório gregoriano, eleito para ser executado no concerto, foi o Próprio da liturgia do dia 13 de Junho, a liturgia de Santo António, bem como o hino *Aurea Luce*, da liturgia de São Pedro e São Paulo.

Uma vez que o tema do projecto artístico era a música sacra de compositores portugueses, optei por escolher um Próprio de uma liturgia dedicada a um santo português, a fim de intercalar as duas obras que iriam ser estreadas. O Próprio da liturgia de Santo António foi o escolhido por ser um Santo tradicionalmente ligado à cidade de Lisboa (onde se diz ter nascido), e por comemorar-se o seu dia a 13 de Junho, mês em que o concerto seria realizado. Desta liturgia constam as seguintes peças:

- Intróito *Os iusti meditabitur*
- Gradual *Iustus ut palma*
- Aleluia *Amavit eum Dominus*
- Ofertório *Veritas mea*
- Comunhão *Beatus servus*

A escolha do Hino *Aurea Luce* prende-se por ser o hino que serviu de material temático à obra de Sérgio Azevedo e que serviria como introdução a essa mesma obra.

Dada a duração do concerto, optei por cortar duas das peças do Próprio da liturgia de Santo António, retirando as duas mais longas e mais difíceis de executar: o Aleluia e o Ofertório. Assim, o concerto foi iniciado com o hino *Aurea Luce* executado em procissão e à chegada ao altar o coro cantou o Intróito *Os Iusti*. A intercalar as duas obras contemporâneas, foi cantado o Gradual e a Comunhão e, para finalizar, saiu o coro (uma vez mais) em procissão, a cantar o hino *Aurea Luce*.

4. Ensaaios

4.1. Planeamento

Os ensaios com coro foram feitos ao longo do ano lectivo 2010/11, com seis turmas de coro infantil do Instituto Gregoriano, sendo a parte de Canto Gregoriano assegurada pelo Coro Gregoriano dessa mesma escola.

O planeamento dos ensaios foi feito com base no grau de dificuldade das obras que ia sendo alterado consoante as necessidades e a velocidade de aprendizagem das mesmas. Como plano base, os ensaios decorreriam entre Janeiro e Maio de 2011, uma vez que o coro já se encontrava com outros compromissos até Dezembro.

Após este período, foram programados para o Coro gregoriano dois ensaios, e para a obra de Nuno da Rocha foram programados ainda um ensaio de leitura, com a orquestra de cordas e acordeonista, e dois ensaios de *tutti*, sendo o segundo o ensaio geral.

Por ter tido acesso à partitura da *Missa Brevis* de Sérgio Azevedo, em Junho de 2010, foi possível dedicar alguns ensaios à leitura da mesma, em finais de Novembro.

4.2. Ensaaios Canto Gregoriano

Os ensaios das peças gregorianas foram executados sem grandes dificuldades, por alunos do Coro Gregoriano do Instituto Gregoriano de Lisboa, alunos estes quase todos finalistas do curso secundário de música e com uma grande prática de leitura em relação a este tipo de linguagem.

Foi ensaiado o Hino *Aurea Luce*, uma peça silábica com cinco estrofes sempre com a mesma melodia. O nível acessível de leitura sem dificuldade, permitiu que a peça ficasse preparada apenas num ensaio.

As peças do Próprio da liturgia de Santo António foram ensaiadas após o hino, começando pelo intróito *Os Iusti*, peça escrita em *Tritus plagal* em fá e de escrita neumática simples. A leitura foi feita novamente com facilidade, tendo sido apenas necessário dar algumas informações sobre a interpretação que estavam incluídas na notação de *Saint-Gall*. Seguidamente foi ensaiado o Gradual *Iustus ut Palma*, fórmula muito conhecida que faz parte

da família dos graduais escritos em *protus plagal* na final lá. Tal foi facilmente assimilado pelo coro, uma vez que o mesmo já tinha cantado vários Graduais desta família, facilitando o ensaio de leitura, bastando apenas o trabalho de texto e de interpretação.

Por último foi ensaiada a Comunhão *Beatus Servus*, peça escrita em *Deuterus autêntico* em lá, de linhas silábico-neumáticas e igualmente de fácil leitura. Nesta peça foi apenas necessário transmitir algumas indicações de interpretação presentes na notação de *Saint-Gall*.

4.3. Ensaio Missa brevis

A montagem desta obra decorreu de forma inesperadamente rápida. O coro interiorizou bem esta linguagem e, apenas em poucos ensaios, a obra foi lida e começada a trabalhar do ponto de vista da interpretação.

Comecei por ensaiar o *Kyrie*, que não apresentou problemas de leitura nem de tessitura, com uma forma simples ABA e uma escrita acessível às crianças do coro. A frase inicial foi trabalhada com o objectivo da afinação da mesma, dado que os primeiros sopranos baixavam sempre a afinação, comprometendo as entradas sucessivas das outras duas vozes, também com uma afinação baixa.

Foram feitos alguns exercícios de sustentação de som, usando as vogais “i” e “o” para toda a frase, complementando com o uso da respiração nos sítios correctos. Este trabalho, feito com as três frases iniciais, permitiu uma melhor compreensão da forma correcta de usar a respiração em benefício da afinação resolvendo, assim, os problemas deste andamento.

Seguiu-se a leitura do 3º andamento, o *Sanctus* que não apresentou dificuldades de maior na sua leitura.

O 2º andamento, *Gloria*, foi aprendido por trechos. Por ser um andamento mais rítmico, criou alguns problemas de coordenação que foram resolvidos durante os ensaios que se seguiram à sua leitura. Ainda assim, existiram frases musicais que tiveram que ser bastante trabalhadas, dado que o coro se encontrava com alguma dificuldade na sua execução.

Por fim foram ensaiados o *Benedictus*, que optei por fazer com um grupo reduzido de vozes, como secção contrastante do *Sanctus*, e o *Agnus Dei*.

4.3.1. Ensaio com o organista

A Missa Brevis de Sérgio Azevedo, apenas com acompanhamento de órgão, tornou-se fácil de conciliar. O organista António Esteireiro, anteriormente habituado a acompanhar este coro, participou em diversos ensaios onde foram trabalhados pormenores de andamentos e de articulação.

Porém, esta junção da parte coral com o acompanhamento, nem sempre foi pacífica, sobretudo nos andamentos mais rítmicos onde as entradas do coro dependiam da parte do órgão.

Por esta razão, o coro trabalhou diversas entradas que ou tinham sido ensaiadas sem direcção ou tinham sido ensaiadas sem acompanhamento, uma vez que nos ensaios anteriores ora eu me encontrava a tocar a parte do órgão ou a dirigir. Gradualmente, o coro foi automatizando estas entradas e a obra foi ficando mais fluída.

4.4. Ensaios *Assim do tempo em que me falavas*

Esta foi, sem dúvida, a peça que mais trabalho necessitou a nível coral, não só em termos de leitura da própria partitura, pois apresentava uma notação com a qual o coro não estava familiarizado, mas também pela dificuldade das próprias linhas vocais que, ainda que fossem relativamente fáceis individualmente, tornavam-se bastante difíceis quer a nível harmónico quer a nível rítmico quando se juntavam.

No início da peça o compositor cria uma alusão à chegada dos fiéis, ao local da cerimónia, através de um *parlato* da oração inicial. Foi com este *parlato* que fiz a primeira abordagem à obra nos ensaios, tendo imediatamente conseguido uma grande motivação por parte dos alunos que ficaram curiosos com o que viria a seguir.

Em seguida, foi feita uma introdução à variedade de compassos existentes nesta obra e alguns exercícios que permitiram ao coro interiorizar melhor as contagens necessárias para uma correcta execução das frases em relação ao ritmo, uma vez que a leitura de notas não seria um problema. Dentro destes exercícios, o coro foi confrontado com contagem de tempos e de compassos. Aprendeu a ver o gesto do maestro e a perceber como funcionavam as entradas e os cortes e sobretudo, em relação aos compassos de 3+2 ou 2+3. Foi igualmente percebendo

como o gesto também funciona como gerador de dinâmicas e ainda vai dando diversas informações necessárias durante a obra.

Finalizados estes exercícios, prossegui com a leitura do *Kyrie* que, com alguma confusão inicial, foi tomando corpo à medida que os alunos começavam a perceber esta nova linguagem.

4.4.1. *Kyrie*

Foram escolhidos os elementos do coro para os solos, tentando sempre que fossem feitos por crianças diferentes, estes solos foram trabalhados individualmente.

Neste andamento os principais problemas foram, sem dúvida, a duração das notas, o controlo das dinâmicas e a sustentação do som. Mas o trabalho feito neste andamento serviu para que, nos andamentos seguintes, o trabalho se tornasse mais simples.

4.4.2. *Gloria*

Prossegui com a leitura do *Gloria*, que é o andamento mais longo e que apresenta um maior número de desafios seja do ponto de vista de leitura e entoação, como do ponto de vista vocal, sobretudo na voz dos primeiros sopranos. Esse andamento tem linhas melódicas mais definidas no coro, tendo a leitura acabado por decorrer de forma tranquila. O trabalho rítmico neste andamento foi intenso. Foram trabalhadas todas as secções de forma a existir por parte do coro um entendimento do ritmo associado ao mesmo.

Seguiu-se o trabalho vocal, dado que este andamento exige uma maior preparação a este nível, para que o resultado de afinação e sustentação de notas longas, sobretudo no agudo, fosse correctamente executado.

Nesse andamento foram introduzidas algumas alterações de comum acordo com o compositor. São elas:

Compassos 113 a 117, em que o compositor pede 3 cantores por sílaba em parlato pianíssimo, passou a ser feito por todas as vozes do naipe. Este efeito foi extremamente complicado de executar pelo coro, em virtude da obra ter sido ensaiada por turmas, nem sempre existindo um

número suficiente de vozes para a execução destes compassos, tornando difícil a compreensão do efeito pretendido. (fig. 6)

3 por sílaba

113

PPPP parlato

v1

Glo ri a in ex cel sis De o

v2

Glo ri a in ex cel sis De o

v3

Glo ri a in ex cel sis De o a ria

ac

105

pp

f

pp

f

Figura 6 – Excerto do *Gloria* de *Assim do tempo em que me falavas* (compassos 113 a 117)

A outra alteração foi feita no *Amen* no final do *Gloria*, compasso 224 a 234 (fig. 7). A sustentação da nota aguda (lá) nos primeiros sopranos, em fortíssimo, foi difícil de se manter nessa dinâmica durante toda a sua duração acabando por se perder o efeito pretendido de piano súbito no compasso 228. Confrontado com esta situação, o compositor optou por tirar um compasso (compasso 226).

224

ff

v1

A - men

v2

A - men

v3

A - men

ac

6 crianças solo

p subito

(b.c.)

p subito

(b.c.)

p subito

(b.c.)

percussão no instrumento

p

ca. 6"

ca. 6"

ca. 6"

ca. 6"

air button

Figura 7 – Excerto do *Gloria* de *Assim do tempo em que me falavas* (compassos 224 a 235)

4.4.3. *Sanctus*

No *Sanctus* não existiram problemas de maior, pois o andamento é praticamente todo em uníssono no coro, usando a melodia original gregoriana, pelo que a parte rítmica já não levantou problemas uma vez que já vinha resolvida dos andamentos anteriores.

4.4.4. *Agnus Dei*

Foi ensaiado o *Agnus Dei* que, como o *Sanctus*, é quase todo em uníssono no coro, usando também a melodia original gregoriana. Este andamento final da obra não criou problemas vocais nem de leitura. Finalmente foi trabalhado o final da obra, os últimos 26 compassos, de forma ao coro adquirir um grande domínio sobre a sustentação necessária do som, sobre o efeito do diminuendo pretendido e sobre a respiração correcta para executar uma nota longa, sem quebras na afinação.

4.4.5. Ensaios com orquestra e solista

A parte instrumental foi lida e trabalhada em apenas um ensaio, onde esteve presente a orquestra e o acordeão. Este ensaio não foi suficiente para a parte instrumental ficar assimilada pelos músicos, porque a orquestra era constituída por instrumentistas de diversos níveis sendo composta por alunos do ensino secundário e do ensino superior, bem como por profissionais com muita prática de orquestra. Foi solicitado aos instrumentistas que, no ensaio com o coro, pudessem comparecer mais cedo para se poder trabalhar o que ainda não se encontrava em condições.

O ensaio conjunto do coro, orquestra e solista, decorreu de forma pouco regular, por se ter perdido muito tempo com o andamento inicial devido, por um lado, a alguma insegurança da orquestra pela falta de ensaios e, por outro, a uma grande desconcentração por parte do coro, devido à novidade do ensaio com instrumentos.

Posto este problema de lado, o ensaio começou a fluir à medida que o coro e a orquestra se integravam e se concentravam no seu trabalho. Surgiram uns pequenos problemas de coordenação entre o coro e a orquestra que foram sendo resolvidos ao longo do ensaio. O facto de o coro ter a obra bem trabalhada, individualmente, contribuiu para uma rápida resolução dos mesmos.

5. O concerto

O concerto foi realizado no dia 5 de Junho de 2011, pelas 16h, na Igreja de São Tomás de Aquino, em Lisboa.

O local foi escolhido especialmente por possuir um órgão de tubos, essencial à execução da *Missa Brevis* de Sérgio Azevedo, e por reunir o espaço necessário para um coro de 160 alunos, com uma orquestra de cordas de 22 elementos mais um acordeão solista.

O espaço, embora longe de ser ideal devido às condições acústicas, conseguiu albergar cerca de 600 pessoas no público.

Para o concerto foi escolhido um programa em que o Canto Gregoriano se intercalava com as duas obras corais contemporâneas. O concerto foi interpretado pelo Coro Infantil e pelo Coro Gregoriano, ambos do Instituto Gregoriano de Lisboa, por uma orquestra de cordas constituída por alunos da Escola Superior de Música e por professores e alunos do Instituto Gregoriano, e ainda contou com a participação do organista António Esteireiro e do acordeonista José Valente.

Para este concerto foi elaborado um programa de sala (apêndice 1).

As situações mais delicadas de resolver durante o concerto deveram-se nomeadamente à acústica da Igreja onde, na obra de Sérgio Azevedo, o órgão estava um pouco distanciado do coro, pelo que a coordenação e a precisão dos ataques sofreram alguns problemas. O público assistente (muito numeroso, crianças, etc.) num espaço ressonante, ou seja, algum ruído de fundo constante, causou uma certa desconcentração nos executantes. A disposição da orquestra na obra de Nuno da Rocha e a distância a que o coro se encontrava, em relação à maestrina, também dificultaram a coordenação numa acústica extremamente ressonante. No entanto, foram minimizadas, não chegando a prejudicar a fruição das obras.

6. Conclusão

A disciplina de coro ministrada numa escola de música especializada como o Instituto Gregoriano de Lisboa, promove a aprendizagem da linguagem musical a partir do repertório. Os conhecimentos adquiridos pelos alunos são estimulados pelo contacto directo na abordagem de repertórios de diversos estilos e épocas leccionados na disciplina.

O estímulo proporcionado nas aulas de coro, associado ao ensino da prática do Canto Gregoriano, permite uma maior preparação musical, com especial ênfase no trabalho vocal específico para estas idades, no desenvolvimento das competências de leitura e em dar aos alunos uma cultura musical mais abrangente.

A disciplina de coro é fundamental para o desenvolvimento das capacidades artísticas e técnicas de qualquer estudante que se proponha a fazer uma carreira na área da música, bem como no desenvolvimento humano/socializante, dado tratar-se de uma disciplina de grupo onde todos aprendem a partilhar objectivos comuns.

A escassez de repertório para este tipo de coro torna, muitas vezes, o trabalho do professor/maestro difícil. Contudo, com a existência deste projecto artístico, foi possível motivar os compositores a escrever sem receios para um coro de crianças que possuem uma prática vocal intensa e cujas capacidades de leitura musical são já elevadas. O confronto com as capacidades dos alunos deste coro do IGL permitiu aos compositores superar os desafios iniciais impostos pela especificidade do efectivo. Este resultado só foi possível devido à colaboração compositor-maestrina/professora-alunos, em que diversas possibilidades foram abordadas num contexto de pesquisa/ composição de causa-efeito.

O resultado deste projecto que, mesmo tendo tido uma duração inferior a seis meses, munuiu os alunos de uma nova capacidade de assimilação de conteúdos de uma complexidade rítmica e precisão de entoação.

As dificuldades que surgiram no início do processo de aprendizagem das obras, nomeadamente de entoação dos intervalos, problemas rítmicos, colocação do texto e dinâmicas, foram largamente superadas por um coro e orquestra que estrearam obras contemporâneas complexas numa forma profissional, na opinião dos compositores Sérgio Azevedo e Nuno da Rocha. Ambos os compositores viram as suas expectativas largamente superadas aquando do concerto de estreia, face ao resultado musical e, especialmente, pelo

rigor, pela precisão e concentração dos alunos de Coro e de Canto Gregoriano do IGL (apêndice 2).

O contacto directo e intenso com os compositores foi de fulcral importância. Desta colaboração surgiu, não apenas – e que é já de tanta importância –, repertório específico para coro infantil a 3 vozes iguais com acompanhamento instrumental mas, acima de tudo, permitiu que alunos com idades entre os 10 e 12 anos trabalhassem de forma intensa e activa com compositores vivos, num processo de criação conjunta canto gregoriano/ música contemporânea, fruindo assim dum momento único, um verdadeiro marco musical.

Este é um projecto que comprova a importância e a necessidade absoluta da criação de um novo espólio musical português, com linguagens e exigência a um nível profissional, de forma a incutir aos mais jovens que, com profissionalismo executam obras de grande exigência e qualidade, aptidões e prazer na interpretação de novos repertórios, pois os desafios conseguem ser superados.

Bibliografia

Agustoni, L., e Göschl, J. B. (2006). An Introduction to the Interpretation of Gregorian Chant - Volume I: Foundations. Lewiston, NY: Edwin Mellon Press.

Althause, J., Robinson, R. (1995). The complete choral warm-up book. Van Nuys, CA: Alfred publishing Co.

Azevedo, S., Entrevistado por Filipa Palhares, Lisboa, (20/06/11).

Documents of the Christian Church (2nd. ed.), (1963), Oxford University Press (pp. 44-45).

Rocha, N. da, Entrevistado por Filipa Palhares, Lisboa, (25/06/11).

Telfer, N. (1995) Successful warm ups book 1. San Diego, CA: Neil A. Kjos Music Co.

Partituras

Graduale Triplex (1979). Tournai: Desclée & Socii.

Liber Hymnarius (1983-85). Tournai: Desclée & Socii.

Azevedo, S., 2010, *Missa Brevis*, AVA Musical editions, Lisboa. Partitura.

Rocha, N. da, 2011, *Assim do tempo em que me falavas*, Edição de autor, Lisboa. Partitura.

Páginas web dos compositores

Nuno da Rocha - www.nunodarocha.com

Sérgio Azevedo - <http://www.editions-ava.com/store/composer/16/>

Gravações

Missa Brevis, Sérgio Azevedo

<https://www.youtube.com/watch?v=RILL5uo-638>

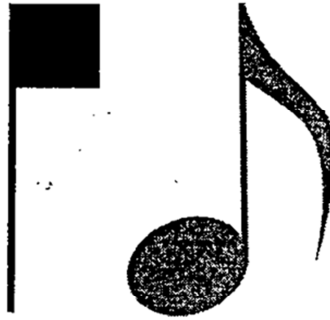
Assim do tempo em que me falavas, Nuno da Rocha

<https://www.youtube.com/watch?v=SC3gVLMdd1s>

Apêndices

Apêndice I – Programa do concerto

CONCERTO



INSTITUTO GREGORIANO
DE LISBOA

Música Sacra de Compositores Portugueses
Contemporâneos baseada em Canto
Gregoriano

Igreja de São Tomás de Aquino
Domingo, 5 de Junho de 2011, 16h

Programa

- Hino “Aurea Luce” – Canto Gregoriano
- Intróito “Os Iusti” – Canto Gregoriano

❖ Missa Brevis – Sérgio Azevedo

❖ Kyrie

❖ Gloria

❖ Sanctus/Benedictus/Sanctus

❖ Agnus Dei

- Gradual “Iustus ut Palma” – Canto Gregoriano
- Comunhão “Beatus Servus” – Canto Gregoriano
- Hino “Aurea Luce” – Canto Gregoriano

Solista: Madalena Martins

Órgão: António Esteireiro

Coro Gregoriano e Coro Infantil do IGL

Direcção: Filipa Palhares

❖ Missa “Assim, do tempo em que me falavas” – Nuno da Rocha

Solistas: Bernardo Nabais, Mariana Portela, Simão Nobre, João Rei

Acordeão: José Valente

Orquestra de cordas da ESML/IGL

Direcção: Filipa Palhares

O presente programa articula Canto Gregoriano com duas obras de dois compositores portugueses contemporâneos cuja composição resultou de um desafio lançado por mim com vista a preencher vários objectivos distintos em três domínios diferentes: motivar os compositores portugueses a escreverem mais repertório para coros infantis, que é escasso; promover o Canto Gregoriano, base de toda a música do Ocidente, mediante a escrita de obras baseadas nesse repertório e, por fim, desenvolver a tese de mestrado que me encontro a realizar na Escola Superior de Música de Lisboa subordinada ao tema *Música Sacra de Compositores Portugueses contemporâneo baseada em Canto Gregoriano* para coros infantis.

A *Missa Brevis* de Sérgio Azevedo, baseada no Hino *Aurea Luce* da liturgia de São Pedro e São Paulo, é uma missa brevis convencional, pois não possui todos os andamentos do ordinário da liturgia. Usa a melodia gregoriana acima indicada como base temática e teve como inspiração a *Missa Brevis* de Benjamin Britten escrita nos anos 50. Foi dedicada ao Papa Bento XVI, na sua vinda a Portugal em Maio de 2010. O alinhamento da primeira parte enquadra a missa de Sérgio de Azevedo com o hino *Aurea Luce* que lhe serve de tema e peças do próprio da liturgia de Santo António (dia 13 de Junho), que foi escolhido por se tratar de um santo português.

A *Missa "Assim, do tempo em que me falavas"* de Nuno da Rocha, baseada em diversas peças gregorianas do ordinário da liturgia é uma missa muito pouco convencional visto que não possui andamentos embora possua secções definidas que correspondem às várias rubricas da missa. Porém, esta obra apresenta algumas particularidades: para além de ter uma orquestração pouco usual, a orquestra executa os cânticos utilizados na ordem inversa à do coro, que os canta sequencialmente como numa missa convencional.

Foi um desafio para mim montar todo este repertório que, em grande parte, se destina aos alunos do Instituto Gregoriano de Lisboa, proporcionando-lhes o contacto com música erudita contemporânea, composta especificamente para crianças, e que ajuda a desenvolver as suas competências musicais.

Aos compositores o meu obrigada por terem aceite este convite.

Filipa Palhares



Sérgio Azevedo nasceu em Coimbra em 1968. Estudou composição na Academia de Amadores de Música com Fernando Lopes-Graça, com o qual continuará particularmente os estudos, e concluiu o Curso Superior de Composição com 20 valores na Escola Superior de Música de Lisboa, onde trabalhou com Constança Capdeville e Christopher

Bochmann. Ganhou diversos prémios de composição, nacionais e internacionais, e as suas obras têm sido encomendadas pelas mais importantes instituições e tocadas em vários países pelos mais prestigiados intérpretes. Publicou em 1999 os livros *A Invenção dos Sons (Caminho)*, em 2007 *Olga Prats - Um Piano Singular (Bizâncio)*, e colabora com *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*. É professor na ESML e colaborador da RDP - Antena 2 desde 1993. Está actualmente (2011) a terminar o doutoramento no Instituto de Estudos da Criança (IEC), Universidade do Minho, sob a orientação de Elisa Lessa e Christopher Bochmann, sendo ainda o responsável artístico pela edição das obras de Fernando Lopes-Graça, iniciativa do Museu da Música Portuguesa (Cascais). Ganhou em 2011 o Prémio Autores da SPA pelo seu Concerto para Piano e Orquestra na categoria "Melhor Trabalho de Música Erudita de 2010". A sua música é desde 2007 publicada pela AVA - Musical Editions.

"Escrevi a Missa Brevis para a Filipa Palhares, tendo em atenção que poderia contar com bastantes ensaios e a qualidade dos coros do ICL que já havia cantado de minha autoria *Uma Pequena Cantata de Natal*. O grau de dificuldade foi assim aumentado, tal como a parte de órgão, em intenção do António Esteireiro. A obra segue o texto habitual, com algumas repetições e ordenação aqui e ali menos usuais. Embora escrita para coros de crianças e jovens, não é de modo nenhum uma música de carácter infantil, e pode ser igualmente interpretada por um coro feminino a 3 vozes"



Nuno da Rocha nasceu em Aveiro a 26 de Junho de 1986. Em 2004 mudou-se para Lisboa, tendo frequentado o curso de jazz do Hot Clube de Portugal e o de engenharia electrotécnica no IST. Em 2007/08 estudou composição com Vasco Mendonça e Carlos Marecos entrando em 2008 no curso de composição da Escola Superior de Música de Lisboa; teve como seus principais tutores os compositores Luís Tinoco e Carlos Caires. É neste momento aluno finalista sob a

orientação do compositor António Pinho Vargas.

No verão de 2009 participou na '19th internationale sommerakademie 09' na Áustria, tendo trabalhado com o compositor Nigel Osborne, com o Maestro Michael Wendeborg e com o reconhecido grupo de música contemporânea 'klangforum Wien'. Em 2010 esteve presente no '16th Young Composers Meeting' em Apeldoorn (Holanda), onde apresentou a peça 'stella times stella' para a orquestra 'de ereprijs'; este encontro foi dirigido pelos compositores Louis Andriessen, Richard Ayres, Martijn Padding, Jan van de Putte, Micheal Smetanin e Helena Tulve. Esteve também presente no atelier de composição 'Música Nova 2010' organizado pela Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras onde apresentou a peça 'seven places from my asking', de que resultou na requisição dos direitos da peça por parte da OCCO para a sua próxima temporada.

“Quando a Filipa Palhares me convidou a escrever uma Missa para o coro infantil do IGL senti uma grande responsabilidade, quer por tudo o que já tinha ouvido dizer sobre este conjunto de crianças, quer pela dificuldade que representa escrever para vozes brancas. Após o primeiro ensaio com o coro percebi que estava numa situação afortunada: ter à disposição um coro infantil com uma qualidade que não é fácil de superar nem por profissionais adultos.

'Assim, do tempo em que me falavas' é uma memória passada da minha infância. Da missa como cerimónia e como desconhecido para uma criança. Das coisas que lhe ficam para sempre. Das coisas que ainda não se entendiam.

É uma memória da pessoa que partiu e que me ensinou a ter fé, sem saber porquê.

Queria também aqui agradecer a participação do José Valente e da orquestra de cordas constituída por colegas meus da Escola Superior de Música de Lisboa e do Instituto Gregoriano de Lisboa.

À Filipa, o meu obrigado pela oportunidade.”

Orquestra

*** 1º Violinos**

Tiago Neto*
Inês Barata*
Bruno Sousa
Miguel Vasconcelos
Sandrina Rodrigues

2º Violinos

Marcos Lázaro*
Ana Carolina Lourenço
Ana Margarida Pinheiro
Alberto Oliveira

Violas

Diana Luís
Bárbara Pires
Ricardo Gaspar
Cristiana Alves

Violoncelos

Mário Silva
Joana Correia
Catarina Távora
Paulo Cepeda
Cláudio Nunes

Contrabaixos

João Alves
Luzia Vieira
André Vicente
Domingos Ribeiro

* Professores do IGL

Agradecimentos:

À Paróquia de São Tomás de Aquino

À Escola Superior de Música de Lisboa

Aos alunos de Orquestra da ESML

Ao José Valente pela sua disponibilidade

Aos professores Elsa Cortez e Manuel Brás da Costa pelo trabalho vocal com os solistas

 **INSTITUTOGREGORIANODELISBOA**

Instituto Gregoriano de Lisboa, Avenida 5 de Outubro, nº 258 1600-038 LISBOA 217933737/217930004 secretaria@inst-gregoriano.rcts.pt

Apêndice 2 – Entrevistas

Entrevista a Sérgio Azevedo

1 - Qual a génese da obra?

A génese da obra conta-se rapidamente. Esta foi-me pedida pela Filipa Palhares para um recital seu de mestrado, e teria de ser, como condição, e para além da duração (cerca de 20') baseada em material melódico gregoriano. A escolha de coro de crianças com órgão (sem pedaleira) foi minha no que toca ao uso do órgão, sem mais instrumentos. Sendo um texto “standard”, escolhi material gregoriano que se integrasse bem do ponto de vista litúrgico mas também que me interessasse, do ponto de vista musical. Tomei algumas liberdades na repetição de alguns números, uma vez que a obra destina-se a ser cantada em concerto e não a ilustrar uma qualquer cerimónia litúrgica, mas fora isso, o texto é usado da forma convencional, a 3 vozes iguais, por vezes com frases atribuídas a uma criança solista. A parte de coro é difícil, embora adequada aos registos e extensões de um coro infanto-juvenil a 3 vozes, e a parte de órgão é por vezes virtuosística e sempre presente, uma vez que contava com o António Esteireiro. Pouco depois da estreia, e na edição comercial da partitura, dediquei a peça à visita do Papa Bento XVI a Portugal, evento no qual tive uma pequena participação, tendo-lhe oferecido uma cópia autografada da partitura por intermédio da Nunciatura de Lisboa.

2 - Que desafios teve a escrever esta obra?

Os desafios que se colocam quando se escreve para crianças não são diferentes dos que se colocam quando se escreve seja o que for para outro tipo de intérpretes. As crianças têm as suas limitações e potencialidades, como os adultos também as têm, embora diversas daqueles. O maior desafio, creio cada vez mais, é saber se as crianças vão ter tempo para ensaiar, por um lado, e por outro, se vão ser bem orientadas. Neste caso, sabia que ambas as condições para um bom resultado seriam obtidas, e quando se têm estas duas condições, os resultados costumam ser excelentes. Como já escrevi muitas obras para crianças, desde instrumentais até corais, e coral-sinfónicas, penso ter já alguma ideia daquilo que um coro de crianças, mesmo em Portugal onde não existem muitos e com muita qualidade, pode fazer. Desde que se tenha algum cuidado com o movimento de cada parte, com a “lógica melódica”, diria (e isto inclui obviamente, o ritmo), as crianças memorizam facilmente a sua parte e conseguem cantar música por vezes bastante dissonante e complexa. Esta peça tem algum cromatismo, mas sempre dentro de uma atmosfera harmónica que classificaria como modal/tonal alargada. Stravinsky e Britten são dois nomes que poderia citar como próximos da estética da peça. Cantar de cor (“par coeur”, ou seja, pelo coração...), embora possa parecer uma menor-valia, no caso dos coros de crianças costuma ser, na minha opinião, uma mais valia: ao cantarem de cor, a música como que se entranha melhor, e raramente saem do que foi escrito pois a memória das crianças é, ao contrário da nossa, adultos, bastante boa. E, como a tradução em francês da expressão sugere, canta-se por amor ao cantar-se de cor: as coisas permanecem naturalmente na memória quando gostamos delas; assim, posso dizer que os desafios foram, mais do que me preocupar com as crianças serem ou não capazes de cantarem aquilo que imaginei, conseguir escrever uma boa peça de música, que agradasse a quem cantava e tocava como a quem iria escutar. Não menciono este facto como uma tentativa de agradar ao público,

até porque nunca sabemos quem é o público, mas integro-o na minha constante preocupação de escrever boa música, que me agrada, antes de mais, a mim próprio. Parto do princípio que o compositor é o primeiro ouvinte da obra que escreve, e que tem de acreditar nela, sem o que dificilmente outros acreditarão.

3 – Acha que o resultado do concerto foi de acordo com as suas expectativas?

O resultado foi, sem dúvida, excelente, e tal como na anterior “Uma Pequena Cantata de Natal” que os coros de crianças do Gregoriano interpretaram antes, também com a Filipa Palhares a dirigir, esta peça foi soberbamente cantada e executada ao órgão pelo António Esteireiro. Para tal contribuiu sem dúvida o trabalho da maestrina e das crianças e organista, mas também o facto de eu ter podido trabalhar com todos, nomeadamente com a maestrina, de modo a que o resultado final fosse aquele que imaginei. Os únicos pontos, não diria fracos, mas mais complicados de resolver (e sempre uma incógnita neste tipo de obras), deveram-se à acústica da Igreja, onde o órgão estava um pouco distanciado do coro, pelo que a coordenação e a precisão dos ataques poderiam ter sofrido alguns golpes graves (não foi o caso, ainda assim), e o tipo de assistência (muito numeroso, crianças, etc.) num espaço ressonante, ou seja, algum ruído aqui e ali que, novamente, poderia ter sido grave mas foi bastante moderado dadas as condições. Por outras palavras, uma excelente prestação musical, alguns ruídos da assistência e algum distanciamento do órgão que, não obstante, não chegaram para prejudicar a fruição da obra. A gravação que foi feita, de forma relativamente caseira, tem alguma qualidade e disfarça até alguns ruídos e a presença do órgão parece mais próxima do que na realidade se ouviu. O concerto demonstrou que, com trabalho sério e com tempo, as crianças podem cantar peças de alguma complexidade de forma perfeitamente profissional, desde a entoação e precisão rítmica, à postura em palco. O rigor, a análise meticulosa de cada compasso (fui consultado várias vezes pela Filipa em relação a detalhes mínimos – nomeadamente – eventuais erros de notas, articulação, colocação do texto e dinâmicas) caracterizou, tal como na peça anterior já mencionada, a estreia desta *Missa Brevis* e eu, enquanto compositor, fiquei muito contente com o resultado.

Entrevista a Nuno da Rocha

1 - Qual a génese da obra?

A génese da obra é a própria formação, a própria estrutura, um conjunto de cânticos gregorianos e a minha memória. A memória do que era para mim uma missa quando tinha a idade do coro infantil; parti de objectos poéticos dessa memória e esses objectos tornaram-se musicalmente mais importantes do que os materiais genuinamente musicais. A peça tenta criar um efeito de reverberação, como se pudéssemos executar a peça em qualquer palco e sentirmos uma espécie de memória espacial relativa a uma igreja.

2 - Que desafios teve a escrever esta obra?

O maior desafio talvez tenha sido a alusão ao gregoriano, na tentativa de não produzir uma 'orquestração' dos cantos originais. Um canto gregoriano tem um traço melódico muito definido com consequências harmónicas muito fortes, torna-se muito difícil usar o canto sem que soe ao canto; percebi que é impossível mesmo.

O facto de escrever para um coro de vozes brancas foi, inicialmente, um desafio. Depois de conhecer melhor o coro infantil do IGL percebi que seria o menos desafiante, já que eles conseguem... tudo! Não estaria limitado, por assim dizer, o que foi óptimo!

3 – Acha que o resultado do concerto esteve de acordo com as suas expectativas?

O concerto excedeu largamente as minhas expectativas. Por possível erro meu, a parte coral tornou-se a mais difícil de executar... O trabalho realizado pelo coro foi extraordinário; o medo que tinha da sua execução tão complexa ajudou a superar as minhas expectativas.